

Compreensões do conceito de morte em crianças da periferia de uma metrópole

Understandings of the concept of death in children from the outskirts of a metropolis

*Hellen Cristina Ramos Queirós, Jorge Henrique Corrêa dos Santos, Manoel Antônio dos Santos, Érika Arantes de Oliveira-Cardoso**

Como citar esse artigo. QUEIRÓS, H. C. R. SANTOS, J. H. C. SANTOS, M. A. OLIVEIRA-CARDOSO, É. A Compreensões do conceito de morte em crianças da periferia de uma metrópole. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 14, n. 3, p. 56-66, set./dez. 2023.



Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Resumo

Este estudo teve como objetivo compreender o conceito de morte em crianças saudáveis e sem perdas familiares recentes, moradoras da periferia de uma metrópole brasileira. Pesquisa qualitativa, descritivo-exploratória e transversal. Foram entrevistadas seis crianças do sexo feminino, com idades entre seis e nove anos, tendo como disparador temático um livro infantil elaborado para esta pesquisa. As entrevistas foram audiogravadas, transcritas literalmente e submetidas à Análise Reflexiva Temática. Os dados foram agrupados em três temas: Universalidade da morte e não funcionalidade em construção; Atribuição de causalidade ao morrer e contexto social; Religiosidade e continuidade da vida após a morte. A concepção sobre a possibilidade da morte ocorrer em idade precoce, como na adolescência, foi um resultado inusitado e que pode estar relacionado ao contexto sócio-ambiental permeado por violência. A compreensão da importância da preservação da memória da pessoa morta como objeto de afeto daqueles que permanecem vivos também foi um achado inesperado.

Palavras-chave: atitude frente à morte; morrer; criança; violência; tanatologia.

Abstract

This study aimed to understand the concept of death in healthy children without recent family losses, residing in the outskirts of a Brazilian metropolis. It was a qualitative, descriptive-exploratory, and cross-sectional research. Six female children, aged between six and nine years, were interviewed using a children's book specially developed for this study as a thematic trigger. The interviews were audio-recorded, transcribed verbatim, and subjected to Thematic Reflexive Analysis. Data were grouped into three themes: Universality of death and non-functionality under construction; Causality attributed to dying and the social context; Religiosity and continuity of life after death. An unexpected finding was children's conception of the possibility of death occurring at an early age, which may be related to the socio-environmental context characterized by violence. Another unexpected finding was the understanding of the importance of preserving the memory of the deceased person as an object of affection for those who remain alive.

Keywords: attitude to death; dying; child; violence; thanatology

Introdução

A morte e os processos de finitude fazem parte do desenvolvimento humano e acompanham a vida desde os seus primórdios. No entanto, na experiência cotidiana, frequentemente os indivíduos se comportam como se morte e vida fossem dimensões separadas e autônomas da existência. Por esse motivo, falar a respeito dos processos de morte e morrer ainda suscita estranheza e insegurança, o que faz com que essa temática seja muitas vezes silenciada e invisibilizada (OLIVEIRA *et al.*, 2010; SANTOS; HORMANEZ, 2013). Frequentemente essas dimensões aparecem entrelaçadas a sentimentos antagônicos, como repulsa e fascínio. Quando se mostra necessário abordar tais assuntos com as crianças, os adultos

Afiliação dos autores:

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

* Email de correspondência: erikao@ffclrp.usp.br

Recebido em: 04/09/2023. Aceito em: 29/11/2023.

geralmente assumem uma postura hesitante e defensiva, e se questionam o quanto os infantes conseguem compreender tal fenômeno (LONGBOTTOM; SLAUGHTER, 2018; STYLIANOU; ZEMBYLAS, 2018; SILVA *et al.*, 2020; AGRAWAL, 2021).

Quando se evita falar abertamente sobre a morte pode-se incorrer em uma atitude de evitação deliberada de pensamentos sobre a finitude da vida e a experiência da terminalidade (ARRUDA-COLLI *et al.*, 2015), o que sinaliza possível dificuldade na regulação das emoções diante de situações de perdas, devido ao déficit de habilidades de enfrentamento maduro dos dilemas existenciais (MARTINČEKOVÁ *et al.*, 2020). Em contrapartida, abordar adequadamente o assunto pode auxiliar na preparação para perdas futuras e na elaboração do trabalho de luto, uma atitude que pode ter efeito libertador e ajudar a criança a avançar no processo de aceitação gradual da morte como fenômeno universal (MENEZES *et al.*, 2007; CONRAD; SCHWETNER, 2018; STYLIANOU; ZEMBYLAS, 2018).

Embora pareça difícil sustentar esse tipo de diálogo, a finitude humana tangencia a vida das crianças em meio às suas experiências cotidianas, interações familiares, atividades sociais e vivências escolares. Além disso, atualmente a morte é escancarada e estampada sem filtros pelas mídias e redes sociais digitais, deixando as crianças cada vez mais expostas aos impactos emocionais dos eventos relacionados à cessação da vida. Além disso, as crianças estão suscetíveis aos processos de perdas e lutos no decorrer de seu desenvolvimento (LONGBOTTOM; SLAUGHTER, 2018; TORRES, 2012). No entanto, as figurações da morte que atravessam o cotidiano infantil, vocalizadas muitas vezes pelos adultos sem o devido cuidado e apresentadas às crianças de maneira crua no dia a dia, apesar de não serem mais interdidas como antigamente, muitas vezes não são reconhecidas devido à limitação dos espaços de discussão que possam acolher essa temática (STYLIANOU; ZEMBYLAS, 2018).

Em decorrência de sua limitação natural para responder aos impactos das experiências de morte e do luto, a criança tem dificuldade de compreender e lidar com a ambivalência que cerca as representações e significados da morte e do morrer na contemporaneidade (MENEZES *et al.*, 2007; LONGBOTTOM; SLAUGHTER, 2018). Devido à imaturidade psíquica para lidar com a complexidade de suas emoções, a criança tende a se esquivar de situações que suscitam tristeza e angústia, tanto em si como nos outros, porém, também sente desejo e curiosidade de ter acesso a esse conhecimento em seus espaços de convívio (PAUL, 2019).

Marco teórico-conceitual

Para que as questões da morte e do luto possam ser abordadas com as crianças torna-se imperativo investigar suas concepções sobre o assunto, de modo a obter informações relevantes sobre o que elas são capazes de compreender em diferentes etapas de seu desenvolvimento cognitivo (TORRES, 2012). Os especialistas da área preconizam a utilização de uma abordagem multidimensional do conceito de morte, separando-o em quatro dimensões: (1) *irreversibilidade* (reconhecimento de que, uma vez morto, o corpo físico não pode retornar à vida); (2) *não funcionalidade* (compreensão de que as funções corporais que definem a vida são interrompidas com a morte); (3) *universalidade* (que abrange a compreensão de que a morte se estende a todos os seres vivos e os alcança em algum momento de sua história); (4) *causalidade* (compreensão dos fatores internos e externos que podem resultar na morte) (NOVERO, 2018; PANAGIOTAKI *et al.*, 2018; AGRAWAL, 2021).

De acordo com os estudos de tanatologia, aliada à necessidade de se conhecer a compreensão da morte e do morrer pela criança tem-se a questão da escolha adequada de recursos que possam servir de mediadores dessa conversa. Uma estratégia que tem sido bastante utilizada, tanto na clínica como em pesquisas, é a contação de histórias que envolvem a temática da morte e do luto (CONRAD; SCHWERTNER, 2018). O uso de narrativas orais auxilia a criança a compreender o fenômeno dentro de suas possibilidades, etapa do desenvolvimento e contexto de vida, uma vez que se toma como base os conteúdos e as reflexões

produzidas em resposta à história ouvida (ALENCAR *et al.*, 2022).

Para analisar a compreensão da morte por crianças, seja por meio de contação de histórias (ALENCAR *et al.*, 2022), entrevistas semiestruturadas (SILVA *et al.*, 2020) ou questionários padronizados (FERNÁNDEZ-ALCÁNTARA *et al.*, 2021), é necessário adotar o pressuposto de que a aquisição do conceito depende da idade cronológica e do desenvolvimento cognitivo (FERNÁNDEZ-ALCÁNTARA *et al.*, 2018; SILVA *et al.*, 2020; AGRAWAL, 2021), com destaque para as diferenças de gênero (AGRAWAL, 2021) e a influência da cultura e do contexto social no qual a criança está inserida (WATSON-JONES *et al.*, 2017; NOVERO, 2018; STYLIANOU; ZEMBYLAS, 2018).

No cenário brasileiro, devido aos extremos da desigualdade social, que atua como uma das causas sistêmicas da violência em suas diferentes manifestações, é necessário que se lance um olhar mais atento para a questão de como as crianças que crescem em ambientes economicamente desfavorecidos conceituam a morte. Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo compreender o conceito de morte em crianças saudáveis moradoras da periferia de uma metrópole brasileira.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo-exploratório, com recorte transversal, amparado na perspectiva teórica dos estudos de tanatologia e psicologia da morte no curso do desenvolvimento humano (OLIVEIRA-CARDOSO; SANTOS, 2017; TORRES, 2012). O enfoque de pesquisa qualitativa foi escolhido porque se pretende investigar em profundidade o fenômeno na perspectiva de quem o vivencia, buscando compreender os significados atribuídos às ideias e ações dos indivíduos, bem como os processos pelos quais tais significados são elaborados e descritos, considerando a dimensão psicológica e o contexto sócio-histórico dos participantes (FLICK, 2009).

Cenário do estudo

Heliópolis localiza-se geograficamente na região sudeste do município de São Paulo e é considerada uma das maiores comunidades do Brasil devido à concentração de moradias e alta densidade demográfica (SANTIS; PERSOLI, 2013).

Participantes

As participantes foram convidadas a participar da pesquisa por intermédio da técnica de amostragem não-probabilística conhecida como bola de neve. Por meio dessa técnica cada voluntário indica novos potenciais participantes, que por sua vez indicam outros, e assim sucessivamente. Para a delimitação do número de participantes do estudo foi utilizado o critério de saturação dos dados (FLICK, 2009). Foram considerados critérios de inclusão no estudo: ter idade entre seis e nove anos, residir na comunidade e contar com o consentimento dos pais para participação na pesquisa. Foram critérios de não inclusão no estudo: apresentar dificuldades acentuadas de compreensão e comunicação, que poderiam inviabilizar o engajamento na tarefa, e ter sofrido recentemente (há menos de um ano) alguma perda de pessoa significativa.

Procedimento investigativo

Foi utilizado o livro “A abelhinha Poli”, elaborado especialmente para servir de mediador dialógico com o público infantil em assuntos relacionados à finitude da vida (QUEIRÓS *et al.*, 2021). O procedimento solicita a contação de uma história à criança, seguida de uma conversa sobre temas que envolvem a finitude da vida e o morrer. Privilegia-se o formato de diálogo, compreendido como uma estratégia para acolher e abrandar as angústias despertadas na criança. Manifestações agudas de angústia podem acontecer quando as entrevistas são realizadas sem o amparo de algum mediador dialógico apropriado (CONRAD; SCHWERTNER, 2018; SILVA *et al.*, 2020).

O livro traz como cenário uma floresta e envolve personagens não humanos, de modo a produzir certo distanciamento do cotidiano infantil, o que permite minimizar possíveis reações emocionais das crianças devido ao processo de identificação com o contexto e os protagonistas da história. Os personagens principais são abelhas, tendo como personagem antagonista um urso. Trata-se da história da abelhinha Poli que, ainda no ovo, sobreviveu ao ataque de um urso faminto que buscava mel na colmeia e que, sem querer, engoliu os ovos de abelha que estavam por eclodir. Após seu nascimento, Poli explora o ambiente ao seu redor e se mostra curiosa ao perceber que é a única abelha filhote da colmeia. A partir dessa constatação, ela entabula um diálogo com a abelha rainha, no qual questiona não só a sua própria finitude, como também a dos demais personagens da história.

Coleta de dados

Os dados foram coletados no período de junho a dezembro de 2019. O acesso às participantes foi facilitado pelo contato com uma organização sem fins lucrativos que ministra aulas de futebol e *ballet* para crianças de uma comunidade da periferia da cidade de São Paulo. Durante a coleta de dados foi utilizado um gravador digital para registrar a contação da história e a conversa com a criança. A coleta foi realizada de forma individual e em situação face a face na sede da organização. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais e tendo obtido o assentimento da criança, a pesquisadora apresentava o livro, permitia que ela o folheasse livremente e depois realizava a contação. O encontro teve duração média de 30 minutos.

Durante a contação, a entrevistadora repetia para a criança as perguntas que Poli havia endereçado à abelha rainha e aguardava sua resposta para prosseguir. Tais perguntas eram pautadas nas dimensões do conceito de morte (irreversibilidade, não funcionalidade, universalidade e causalidade) e foram convertidas em questões dirigidas à criança durante a contação. Isso permitiu que a criança se aproximasse da atmosfera da conversa entre a abelhinha Poli e a abelha rainha, o que facilitou o diálogo com a pesquisadora a respeito das questões da finitude.

Análise dos dados

As respostas das crianças foram transcritas na íntegra e literalmente, respeitando a sequência e a forma como foram proferidas as falas. Posteriormente, os dados foram submetidos à Análise Temática Reflexiva. Braun e Clarke (2019) consideram que a análise temática é um procedimento flexível e que se mostra útil para a pesquisa qualitativa em Psicologia. É uma técnica que permite identificar, analisar e relatar padrões (temas) encontrados nos relatos obtidos por meio de entrevista.

Considerações éticas

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição a qual os pesquisadores estão vinculados, sob protocolo CAAE nº 00517418.1.0000.5407. Foram seguidas as diretrizes éticas definidas pela Resolução nº 466/2012 sobre pesquisas envolvendo seres humanos (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012) e pela Resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Resultados e discussão

A composição da amostra, formada por seis crianças do sexo feminino, com média de idade de 7,5 anos, moradoras de uma comunidade da periferia de uma metrópole brasileira, reflete a diversidade encontrada em termos de idade e etnia. Foram utilizados nomes fictícios para se referir às participantes: Ana (8 anos), Carol (6 anos), Clara (6 anos), Lara (8 anos), Letícia (8 anos) e Thaís (9 anos). Thaís era a única criança negra da amostra, enquanto as demais eram brancas. Todas as crianças frequentavam regularmente a escola. Durante a coleta de dados, apenas Carol e Clara demonstraram sinais de timidez e inibição, enquanto que as demais participantes se mostraram comunicativas. Todas mostraram envolvimento com a tarefa.

Com base na Análise Temática Reflexiva foram elaborados três temas: Universalidade da morte e não funcionalidade em construção; Atribuição de causalidade ao morrer e contexto social; Religiosidade e continuidade da vida após a morte.

Universalidade e não funcionalidade em construção

Todas as crianças responderam afirmativamente à indagação que problematizava a natureza inexorável da morte. Todas concordaram com a concepção de que a morte é um evento intrinsecamente relacionado à cessação da vida, marcando o término da existência conforme esta era previamente conhecida. Esse entendimento ficou notório nas declarações de Letícia (8 anos) e Clara (6 anos), que manifestaram suas perspectivas a respeito do tema.

Trecho da narrativa

Abelha rainha para Poli: [...] *Um urso veio aqui e, sem querer, comeu todos os ovinhos, restando apenas você* [...] Poli ficou um pouco assustada com a resposta da rainha e perguntou: *Nossa, eu poderia não existir?*

Pesquisadora: *O que será que a abelha rainha respondeu para a Poli?*

Letícia: *Acho que a rainha falou a verdade, um dia a abelhinha Poli vai deixar de existir.*

Trecho da narrativa:

Poli para a abelha rainha: *Todas as abelhas morrem um dia?*

Pesquisadora: *Qual será que foi a resposta da rainha?*

Clara: *Sim... pois todas as pessoas morrem um dia.*

Quando inquiridas diretamente sobre o assunto, as crianças evidenciaram que já tinham adquirido os conceitos de universalidade, irreversibilidade e não funcionalidade associados à morte. Tal achado é congruente com as conclusões de estudos anteriores (PANAGIOTAKI *et al.*, 2018; FERNÁNDEZ-ALCÁNTARA *et al.*, 2021; TORRES, 2012), que sustentam que crianças na faixa etária estudada apresentem nível mais evoluído de compreensão, integrando os conceitos centrais envolvidos no processo. Nesse estágio do desenvolvimento cognitivo, as crianças demonstram habilidade em empregar símbolos, imagens e linguagem para representar e dar significado ao fenômeno da morte.

Entretanto, durante a narração da história, observou-se que as noções de universalidade, irreversibilidade e não funcionalidade coexistem com outras concepções aparentemente contraditórias, mas igualmente aceitas pelas crianças, o que também corrobora resultados de estudos anteriores (NOVERO, 2018; PANAGIOTAKI *et al.*, 2018). Um exemplo ocorreu quando a pesquisadora questionou o destino dos ovos que foram acidentalmente ingeridos pelo urso, ao que Thais (9 anos) aventou a possibilidade de manutenção da funcionalidade após a morte.

Trecho da narrativa:

Zangão: *E agora, o que vamos fazer? Não irão nascer mais bebês?*

Pesquisadora: *Vamos ajudar o zangão, que parece estar preocupado? Onde estarão os ovinhos?*

Thais: *Eu acho que as abelhinhas podem existir porque elas podem nascer dentro da barriga do urso.*

Tal fenômeno também foi evidenciado nas falas de Carol (6 anos) e Letícia (8 anos). Essas participantes, embora tenham concordado com a inevitabilidade da morte, apresentaram opiniões ambivalentes:

Trecho da narrativa:

Poli: *E todo mundo morre? Todo mundo mesmo? Até você [se referindo à abelha rainha], o zangão, as operárias? Até aquele urso grandão, que comeu o mel e nossos ovinhos?*

Pesquisadora: *Qual será que foi a resposta da rainha?*

Carol: *O urso grande não vai morrer porque ele come ovos.*

Letícia: *Não, o urso grandão não vai morrer... vai demorar pra morrer, ele é grandão... vai demorar muito.*

De acordo com Novero (2018), as crianças inicialmente compreendem a cessação das manifestações mais óbvias do comportamento, evoluindo posteriormente para a apreensão da ausência de atividades cognitivas e volitivas. Portanto, embora as crianças nessa faixa etária já tenham adquirido a capacidade de identificar as disfunções associadas ao corpo após a morte, ainda podem manter a crença de que alguma forma de funcionalidade persistirá após o falecimento.

Atribuição de causalidade ao morrer e o contexto social

Conforme observado por Panagiotaki *et al.* (2018), a compreensão da causalidade em relação à morte é geralmente a última faceta a ser adquirida pela criança, uma vez que envolve a apreensão de processos complexos que culminam na deterioração do corpo. Neste estudo, inicialmente, todas as crianças consultadas indicaram causas internas relacionadas ao envelhecimento como explicação para

a morte, seguindo um padrão que é consistentemente observado no desenvolvimento típico (VÁZQUEZ-SÁNCHEZ *et al.*, 2018; AGRAWAL, 2021; ALENCAR *et al.*, 2022). Este padrão fica evidente nas respostas de Ana (8 anos) e Lara (8 anos).

Trecho da história:

Abelha rainha: *Todos nós iremos [deixar de existir], isso se chama morrer.*

Pesquisadora: *O que você pensa sobre isso?*

Ana: *Eu sei que as pessoas morrem... quando fica velhinho, morrem.*

Lara: *Todos morrem, porque todo mundo fica velho um dia.*

Um resultado surpreendente do presente estudo foi a crença de que a morte ocorre inevitavelmente durante a adolescência, conforme exemplificado pela declaração de Letícia (8 anos) sobre a mesma passagem do livro.

Trecho da história:

Abelha rainha: *Todos nós iremos [deixar de existir], isso se chama morrer.*

Pesquisadora: *O que você pensa sobre isso?*

Letícia: *Quando eles ficarem adolescentes, eles morrem. Porque, quando a pessoa fica adolescente, aí ela tem que morrer.*

Um achado similar, que desafia a visão convencional da morte biológica, foi obtido por Alencar *et al.* (2022) em estudo que examinou a compreensão do conceito de morte em crianças hospitalizadas. Esse resultado pode estar intrinsecamente ligado ao contexto sócio-ambiental permeado pela exposição cotidiana à violência urbana, que resulta em mortes prematuras de jovens, relacionadas a fatores externos tais como execuções perpetradas pela polícia ou agentes do tráfico de drogas que operam nas comunidades.

Nesse cenário, a concepção da morte é profundamente influenciada pela violência urbana disseminada e banalizada, particularmente nas comunidades periféricas, onde a presença do Estado e a eficácia das políticas públicas são limitadas (ALENCAR *et al.*, 2022). Nesse contexto, o aprendizado precoce sobre a morte emerge da exposição das crianças a eventos relacionados à cessação da vida (PANAGIOTAKI *et al.*, 2018). Essa hipótese é corroborada pela narrativa de Thais (9 anos), estimulada pela mesma passagem da história.

Trecho da história:

[...] Poli ficou um pouco assustada com a resposta da rainha e perguntou: *Nossa, eu poderia não existir?*

Thais: *Eu sei. Eu acho que um dia ela não vai mais existir porque, quando ela crescer, ela vai, com certeza, sair como todas as abelhas fazem e vão perturbar dentro da casa dos outros, e aí as pessoas vão matá-las.*

Portanto, fica claro que as concepções sobre a morte e emoções, como medo, associadas a ela são influenciadas pelas experiências vividas no contexto social, especialmente pela exposição direta ou

indireta a eventos relacionados à violência descontrolada e à morte prematura (AGRAWAL, 2021).

Religiosidade e continuidade da vida após a morte

As crianças manifestaram uma compreensão coerente acerca da irreversibilidade da morte, indicando que essa é uma dimensão já solidamente estabelecida. Isso corrobora a literatura, que sugere que a irreversibilidade é uma das primeiras noções internalizadas pelas crianças (LONGBOTTOM; SLAUGHTER, 2018).

Quando questionadas sobre a possibilidade de retorno dos mortos, todas as crianças enfatizaram que é impossível voltar à vida. Algumas participantes – Clara (6 anos), Letícia (8 anos) e Ana (8 anos) – fizeram questão de salientar que não há retorno em momento algum. No entanto, quando indagadas sobre o que acontece após a morte, todas elaboraram narrativas permeadas por conteúdos religiosos e manifestaram a crença na continuidade da vida após a morte. Esse fenômeno revela que os valores religiosos transmitidos pela família e pelo contexto social podem exercer influência significativa nas representações e nos significados atribuídos à morte pelas crianças (PANAGIOTAKI *et al.*, 2018; AGRAWAL, 2021; POMPELE *et al.*, 2022).

Clara: *Porque a gente tem que morrer pra ir pro céu. Viver com Jesus e com Deus.*

Letícia: *Porque quando a pessoa morre... morre, aí elas vão lá com Jesus, vão lá para o céu, ficar com Jesus.*

Carol: *Porque aí é pra Deus cuidar de nós.*

Explicações de natureza religiosa também foram oferecidas para significar o propósito da morte.

Recorte da história:

Poli: *O sol sempre volta no dia seguinte mesmo. E a gente? Depois que a gente morre, a gente volta quando?*

Entrevistadora: *Você acha que as abelhas que morrerem vão voltar um dia? Para onde elas vão quando morrem?*

Carol: *Voltam quando Deus voltar e lutar com outra pessoa, aí eles vai viver de novo.*

As crianças também enfatizaram a importância de se preservar a memória das pessoas falecidas, como manifestação de respeito e afeto daqueles que permanecem vivos.

Recorte da história:

Poli era a nova rainha da colmeia [...] a vida iria continuar e os ensinamentos da rainha precisavam ser passados para os novos corações.

Entrevistadora: *Você concorda com Poli?*

Letícia: *Sim. Que lindo isso! A pessoa morre pra ir lá ficar com os anjos, mas fica nos corações.*

Carol: *Sim... porque mesmo se a pessoa estiver no céu, né, porque ninguém nunca esquece de nada que fica no coração.*

Vale destacar que, além da perspectiva religiosa fundamentada na cultura judaico-cristã, também se evidenciou um pensamento causal que busca incorporar conceitos científicos para explicar o fenômeno da morte e suas implicações. Inicialmente, os conceitos biológicos sobre a morte são dominantes, e os aspectos espirituais são gradualmente integrados na compreensão do morrer, contribuindo para conformar uma visão mais complexa na qual ambos os aspectos coexistem (WATSON-JONES *et al.*, 2017; LONGBOTTOM; SLAUGHTER, 2018; PANAGIOTAKI *et al.*, 2018).

Resultados semelhantes foram relatados por Vázquez-Sánchez *et al.* (2019) em estudo que identificou a influência de fatores religiosos, filosóficos ou culturais nas representações da morte elaboradas por crianças. De acordo com Panagiotaki *et al.* (2018), esses achados sugerem que as crianças começam a considerar a possibilidade de vida após a morte amparadas nos fundamentos religiosos, depois de compreenderem a irreversibilidade e inevitabilidade da morte.

Considerações finais

Este estudo analisou as concepções de morte em meninas de seis a nove anos, provenientes de famílias que moram na região periférica da maior metrópole brasileira. Além do desenvolvimento cognitivo, as experiências individuais e a cultura emergiram como importantes fatores que influenciam a elaboração do conceito de morte. Os resultados obtidos sugerem que as vivências cotidianas em um contexto social permeado por violência e iniquidades sociais impacta o modo como as crianças elaboram o conceito de morte e morrer.

Nas narrativas produzidas nota-se a inclusão do morrer em idade precoce, como na etapa da adolescência, o que pode estar relacionado aos óbitos de jovens motivados por causas externas, como disparos de armas de fogo desferidos por agentes ligados ao crime ou ao aparelho policial. Também se observou um uso expressivo de explicações de conteúdo religioso para o fenômeno do morrer, que parecem modular as expectativas para o pós-morte.

Sugere-se que outras pesquisas sejam realizadas para aprofundar o conhecimento sobre as dimensões e os conteúdos pregnantes nas representações e significados construídos pelas crianças de comunidades periféricas, comparando-os com as concepções de morte e morrer das crianças de famílias de camadas economicamente abastadas.

Este estudo apresenta limitações, como o fato de ter se restringido a crianças saudáveis do sexo feminino, moradoras de uma comunidade específica e em um momento anterior à pandemia de COVID-19. É desejável expandir o escopo da pesquisa para que novos estudos possam captar possíveis nuances relacionadas ao gênero e aspectos étnico-raciais, à situação de vulnerabilidade psicossocial e às características regionais.

O livro utilizado como ferramenta para aproximação ao universo infantil mostrou ser uma ferramenta apropriada para conversar sobre a morte, abordando os conceitos centrais deste construto com uma linguagem apropriada ao nível de desenvolvimento cognitivo das crianças. Um resultado a ser destacado é o fato de que as crianças não demonstraram desconforto durante a contação. Pelo contrário, todas alegaram que gostaram da história narrada. Isso sugere que o material pode ser utilizado como mediador dialógico por facilitar a expressão afetiva das crianças ao se verem expostas a uma temática tão sensível como a finitude humana, permitindo acessá-la de forma lúdica e não invasiva ou ansiogênica.

Por fim, a partir da análise das associações das crianças é possível refletir sobre a importância de considerar a morte como companheira e não como inimiga da vida. Do ponto de vista existencial, a vida encontra seu valor e seu sentido mais elevado na descoberta de que somos seres finitos e de que sofremos a ação transformadora do tempo, o que faz de nós seres transitórios, inquilinos da morada provisória que é o nosso corpo. Reconhecer a transitoriedade possibilita dignificar a vida como mudança permanente,

o que evidencia a relevância de iniciar precocemente o trabalho de educação para a morte. Conversar sobre esses assuntos com as crianças, especialmente aquelas que vivem em contextos de vulnerabilidade, permite reconhecê-las como interlocutores competentes e ativos na construção de sua compreensão do mundo, ajudando-as a integrar suas experiências. Essa postura também pode favorecer que os adultos se tornem mais tolerantes em relação à própria finitude.

Referências

- AGRAWAL, J. What do preschool children in India understand about death?: an exploratory study. **OMEGA: Journal of Death and Dying**, v. 83, n. 2, p. 274-286, 2021. <https://doi.org/10.1177/0030222819852834>
- ALENCAR, V. O. *et al.* Compreensão da morte no olhar de crianças hospitalizadas. **Revista Bioética**, v. 30, n. 1, p. 63-71, 2022. <https://doi.org/10.1590/1983-80422022301507PT>
- ARRUDA-COLLI, M. N. F. *et al.* Experiences of Brazilian children and family caregivers facing the recurrence of cancer. **European Journal of Oncology Nursing**, v. 19, n. 5, p. 458-464, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.ejon.2015.02.004>
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>
- CONRAD, J. M.; SCHWERTNER, S. F. Contando histórias sobre a morte: uma análise dos livros do PNBE para crianças. **Nuances: Estudos sobre Educação**, v. 29, n. 3, p. 148-164, 2018. <https://doi.org/10.32930/nuances.v29i3.5202>
- FERNÁNDEZ-ALCÁNTARA, M. *et al.* A new instrument to assess children's understanding of death: psychometrical properties of the EsCoMu Scale in a sample of Spanish children. **Children (Basel)**, v. 8, n. 2, p. 125, 2021. <https://doi.org/10.3390/children8020125>
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LONGBOTTOM, S; SLAUGHTER, V. Sources of children's knowledge about death and dying. **Philosophical Transactions of the Royal Society**, 373, 20170267, 2018. <http://dx.doi.org/10.1098/rstb.2017.0267>
- MARTINČEKOVÁ, L. *et al.* Do you remember being told what happened to grandma? The role of early socialization on later coping with death. **Death Studies**, v. 44, n. 2, p. 78-88, 2020. <https://doi.org/10.1080/07481187.2018.1522386>
- MENEZES, C. N. B. *et al.* Câncer infantil: organização familiar e doença. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 7, n. 1, p. 191-210, 2007.
- NOVERO, V. C. La maduración cerebral en el niño: el caso de la adquisición del concepto de muerte y su evolución. **Revista Chilena de Pediatría**, v. 89, n. 1, p. 137-142, 2018. <https://doi.org/10.4067/S0370-41062018000100137>
- OLIVEIRA, E. A. *et al.* Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida. **Psicologia em Estudo (Maringá)**, v. 15, n. 2, p. 235-244, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000200002>
- OLIVEIRA-CARDOSO, E. A.; SANTOS, M. A. Grupo de Educação para a Morte: uma estratégia complementar à formação acadêmica do profissional de saúde. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 500-514, 2017. <http://doi.org/10.1590/1982-3703002792015>
- PANAGIOTAKI, G. *et al.* Children's and adults' understanding of death: cognitive, parental, and experiential influences. **Journal of Experimental Child Psychology**, 166, p. 96-115, 2018. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2017.07.014>
- PAUL, S. Is death taboo for children? Developing death ambivalence as a theoretical framework to understand children's relationship with death, dying and bereavement. **Children & Society**, v. 33, n. 6, p. 556-571, 2019. <https://doi.org/10.1111/chso.12352>
- POMPELE, S. *et al.* Spirituality and children's coping with representation of death during the COVID-19 pandemic: qualitative research with parents. **Pastoral Psychology**, v. 71, n. 2, p. 257-273, 2022. <https://doi.org/10.1007/>

s11089-021-00995-w

QUEIRÓS, H. C. R. *et al.* **A abelhinha Poli: conversando sobre morte e luto com crianças**. 1. ed. Ribeirão Preto: Espaço Psi, 2021.

SANTIS, M.; PERSOLI, A. **Memórias de Heliópolis: raízes e contemporaneidade**. São Paulo: Kuzuá, 2013.

SANTOS, M. A.; HORMANEZ, M. Atitude frente à morte em profissionais e estudantes de enfermagem: revisando a produção científica da última década. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 9, p. 2757-2768, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000900031>

SILVA, F. M. *et al.* Preschool children's emotional understanding of death: a forgotten dimension. **Acta Medica Portuguesa**, v. 33, n. 10, p. 649-656, 2020. <https://doi.org/10.20344/amp.12815>

STYLIANOU, P.; ZEMBYLAS, M. Dealing with the concepts of "grief" and "grieving" in the classroom: children's perceptions, emotions, and behavior. **Omega (Westport)**, v. 77, n. 3, p. 240-266, 2018. <https://doi.org/10.1177/0030222815626717>

TORRES, W. C. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

VÁZQUEZ-SÁNCHEZ, J. M. *et al.* The concept of death in children aged from 9 to 11 years: evidence through inductive and deductive analysis of drawings. **Death Studies**, n. 43, v. 8, p. 467-477, 2018. <https://doi.org/10.1080/07481187.2018.1480545>

WATSON-JONES, R. E. *et al.* Does the body survive death? Cultural variation in beliefs about life everlasting. **Cognitive Science**, n. 41(Suppl 3), p. 455-476, 2017. <https://doi.org/10.1111/cogs.12430>